

## “A TRAGÉDIA DE MARI” EM 1964: TRAGÉDIA E RESISTÊNCIA CAMPONESA NO CAMPO PARAIBANO

Maria Clyvia Martins dos Santos<sup>1</sup>  
Josilena Oliveira Targino da Silva<sup>2</sup>

### Introdução

A violência diariamente assistida nos noticiários de televisão, no faz perceber que o Brasil vive fundado em uma paz social e o cenário é próprio de países que vivem em guerra. No caso dos conflitos no campo, alguns casos como o assassinato de Margarida Maria Alves (1983) e Chico Mendes (1988) ganharam repercussão internacional e chamaram a atenção da sociedade para a tensão social vivenciada pelos trabalhadores rurais, indígenas e todos que enfrentam a elite agrária brasileira. Os massacres de Colniza (2017) e de Pau d' Arco (2017) em pleno século XXI nos alertam sobre a necessidade de medidas urgente e infelizmente a impunidade é um fator preocupante e acaba gerando ainda mais violência.

A questão agrária brasileira resulta de um processo histórico firmado na grande concentração de terras e tem suas raízes desde os primórdios da colonização portuguesa. A persistência da concentração fundiária e todos os impactos decorrentes dela estão na essência do *problema agrário brasileiro*, originando efetivas desigualdades com a presença marcante de inúmeros latifúndios, promovendo conflitos e formas de violência no campo.

Em meados do século XX as Ligas Camponesas<sup>3</sup> despontaram no campo nordestino e levantaram a bandeira da luta por melhores condições de vida e trabalho. Foi nos estados de Pernambuco e Paraíba que as Ligas conseguiram mobilizar uma significativa massa camponesa e lutar no combate as injustiças no campo. O início da

---

<sup>1</sup>Universidade Federal da Paraíba. E-mail [mariacluvia@yahoo.com.br](mailto:mariacluvia@yahoo.com.br)

<sup>2</sup>Universidade Federal da Paraíba. E-mail [targinojose@hotmail.com](mailto:targinojose@hotmail.com)

<sup>3</sup> As Ligas tiveram sua origem na década de 1940, mas, não obtiveram êxito e só na década de 1950 ressurgem com toda força e tornam-se expressivas.

década de 1960 foi marcado por conflitos, confrontos, reivindicações e revoltas na Paraíba. E é nesse contexto que insere a chamada “*tragédia de Mari*”.

A pesquisa centrará a atenção no estudo geográfico-histórico do evento trágico, levantando informações dos acontecimentos de meados do século XX no Brasil e na Paraíba, uma vez que existe muito pouca informação sobre o fato e raros estudos com esse tema. Entendemos que os conflitos sociais estão na gênese da formação do território brasileiro, marcado pela conquista de espaços, cuja apropriação territorial se deu por interesses e alianças políticas. Dessa maneira, remontar a história a partir da noção de formação territorial é nossa pretensão, sendo a geografia de fundamental importância para entender a dimensão espacial dos processos sociais e políticos. Os objetivos específicos consistem em: **a)** levantar informações históricas sobre os acontecimentos de 1964 no Brasil e no Estado da Paraíba dando ênfase a tragédia que aconteceu no município de Mari; **b)** investigar a tragédia ocorrida no município de Mari; **c)** levantar informações sobre o confronto com familiares, amigos, e conhecidos das vítimas, ressaltando a importância da história oral e da memória.

O presente trabalho é pautado no método do materialismo histórico dialético, o qual busca desvendar a dinâmica das relações sociais a partir de uma concepção histórica. Para alcançar os objetivos propostos, foram necessários alguns procedimentos metodológicos de pesquisa dentre os quais: a) Pesquisa bibliográfica; b) Pesquisa em fontes documentais; c) Pesquisa de campo no município de Mari-PB.

### **Breve histórico dos conflitos sociais no campo brasileiro**

A análise a ser realizada tem como referência os estudos realizados por Moraes (2005 e 2011) o qual traz uma discussão sobre a formação do território brasileiro e apresenta um diálogo entre história e geografia, a partir da história territorial. Já Oliveira (1994) traz um estudo sobre a violência e as lutas no campo, discutindo o problema agrário no território brasileiro, abordando os conflitos presentes nas diversas formas de apropriação do território brasileiro, e a violência como marca presente nas lutas no campo, resultando no assassinato de lideranças sindicais e camponeses. Esses e outros autores foram basilares na construção desse trabalho.

Os conflitos sociais sempre estiveram presentes ao longo da história da ocupação do território brasileiro. Moraes (2005) chama a atenção para a compreensão da produção do espaço pelos sujeitos, agentes do processo, destacando que a produção do espaço é histórica e resulta da luta de interesses. No século XX tivemos diversos exemplos de lutas pela terra no território brasileiro<sup>4</sup>.

### **“A Tragédia de Mari” em 1964**

O município de Mari encontra-se localizado na microrregião de Sapé, mesorregião da mata paraibana. Em Mari, uma das formas de driblar a difícil situação no campo, era a realização dos mutirões, os quais reuniam dezenas de homens para o plantio em áreas em pousio cedidas pelos proprietários. Sendo assim, a liderança camponesa do município de Mari, Antônio Galdino da Silva, uniu camponeses para realizar mutirões e plantarem milho e feijão nas propriedades do município para dobrarem a produção naquele ano, já que o inverno prometia ser favorável.

No dia 15 de janeiro de 1964 pela manhã, Galdino, junto com seus companheiros tentaram mobilizar trabalhadores camponeses das Fazendas Olho d'Água e Santo Antônio (ambas localizadas em Mari) para participarem do mutirão a ser realizado naquele dia. Ao chegarem à Fazenda Santo Antonio, Galdino e seus companheiros foram recebidos com violência pelo administrador da Fazenda, Arlindo Nunes da Silva, que portava um revólver Smith e Wesson-Calibre 45 (revólver do Exército Brasileiro). Na ocasião houve uma violenta discussão, sendo o administrador da fazenda rendido pelos trabalhadores, os quais “desamarram-no e penduraram um chocalho (símbolo do traidor da luta dos trabalhadores) em seu pescoço antes de libertá-lo” (SILVA, 2013, p. 59), ficando o revólver nas mãos de Galdino. Após discussões Galdino e os outros camponeses saíram da Fazenda Santo Antônio em direção as terras da Fazenda Olho d'Água onde ocorreria o mutirão.

Funcionários do Usineiro Renato Ribeiro Coutinho saíram em uma comitiva armada em direção ao mutirão, para exigir de Galdino a devolução do revólver. Néelson Coelho (2004) aponta que o fato ocorrido foi levado ao governador Pedro Gondim, mas

---

<sup>4</sup>Como a luta de Trombas e Formoso em Goiás, as lutas no Estado do Paraná e Santa Catarina, a luta das Ligas Camponesas no campo Nordeste nas décadas de 1950 e 1960, dentre outras.

mesmo assim, não esperaram as providências do governo do estado e agiram por conta própria.

Às margens da PB-073, se encontrava o mutirão e aproximadamente 350 camponeses, plantando pacificamente e foram surpreendidos por dois veículos que transportavam um grupo de homens armados, inclusive de fuzil metralhadora. Fernando Gouveia (economista e funcionário das Usinas São e Santa Helena, todas de propriedade de Renato) comandou a comitiva que era composta por policiais e funcionários do usineiro. Chegando ao local acenaram as armas aos camponeses ameaçando-os, no sentido de que não se aproximassem. Gouveia exigiu de Galdino a devolução do revólver Smith e Wesson-Calibre 45, o qual foi entregue sem nenhuma obstinação. Após isso, um homem chamado Sargento Pinto (que integrava a comitiva) ordenou que fosse colocado um chocalho em Antônio Galdino, essa atitude deu início a uma grande confusão, balizada por vários tiros e mortes cruéis. E assim, logo após a entrega da arma Galdino foi atingido pelo próprio Gouveia e veio a óbito no mesmo instante. Ao verem aquela revoltante situação os camponeses não temeram enfrentar àqueles homens que portavam armas de grosso calibre, e com suas ferramentas de trabalho (enxada, foice, facas e etc.) lutaram heroicamente contra a injustiça que os calava, como um grito que emanava.

O confronto infelizmente resultou em 11 mortos e 4 feridos, dentre eles, camponeses, policiais militares e funcionários da Usina São João e Santa Helena. O fatídico episódio ficou conhecido como *A tragédia de Mari*. Coelho (2004) atribui a tragédia a simples busca de uma arma, discordamos veemente dessa análise. A resistência dos camponeses, resultou em tragédia, para silenciar, por medo e acabar com qualquer possibilidade de novas reivindicações. Um clima de medo instaurou-se na região e conseguiu silenciar a luta campesina. Dois meses após o ocorrido, foi instalado no Brasil o golpe militar, e a situação que já era difícil ficou crítica.

Após 50 anos do ocorrido, um longo período marcado pelo esquecimento do fato em questão, foi realizada pelo Comitê Paraibano Memória, Verdade e Justiça uma homenagem aos camponeses de Mari que resistiram de forma heroica à agressão armada dos latifundiários em 15 de janeiro de 1964. A homenagem intitulada “50 Anos de Resistência de Mari” contou com participação professores, estudantes, representantes

de movimentos sociais e a população do município. Uma outra homenagem à Resistência de Mari, foi realizada em setembro de 2015, durante as festividades que marcaram o aniversário do município

### **Considerações**

Espera-se que com a realização desse trabalho seja preenchida uma lacuna sobre o evento ocorrido em janeiro de 1964 na cidade de Mari, e que sirva memória histórica para o povo do município, bem como veículo informativo para a sociedade como um todo. Portanto, almeja-se que o trabalho desenvolvido possa ser capaz de permitir discussões e debates e aprofundar o conhecimento a luta camponesa no Brasil, bem como direcionar novas propostas. Assim, aspiramos que surjam novos posicionamentos e novas questões sobre o objeto. Contatamos familiares de camponeses envolvidos na tragédia e evidenciamos em seus relatos a triste realidade vivida após as lutas ocorridas, com a perda de seus entes queridos, total abandono do Poder Público ao caso, além da perseguição e do medo constante. Mais de 50 anos se passaram e ainda hoje boa parte da população não conhece essa triste parte da história do município. Muitos que vivenciaram o fato partiram para nunca mais voltar, outros preferem não falar sobre o assunto. Os camponeses de Mari foram vítimas desse sistema estrutural de desigualdades que se instalou no país desde os primórdios da colonização portuguesa e que se estende após 500 anos de Brasil. Muito ainda precisa ser feito para que as lutas de outrora não sejam esquecidas, e para que o campo seja recanto de paz e de trabalho para quem realmente precisa.

### **Referências Bibliográficas**

COELHO, N. A. **Tragédia de Mari**. João Pessoa: Ideia, 2004, 281p.

MORAES, A. C. R. **Geografia Histórica do Brasil: Capitalismo, território e Periferia**. São Paulo: Annablume, 2011.

\_\_\_\_\_. **Território e História no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2005.

MOREIRA E. R. F & TARGINO, I. **Capítulos de Geografia da Paraíba**. Editora UFPB, João Pessoa. 1997.

OLIVEIRA, A. U.. **A Geografia das lutas no Campo**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 1994. (Coleção Repensando a Geografia).

SILVA, Á. R. O.. **Participação e Visibilidade dos Jovens nos Assentamentos Rurais do Município de Mari (PB)**. (Dissertação de mestrado UFPB). João Pessoa – PB, 2013.